





sem limites



Finalmente descobri o meu terraço - curadoria de António Cerveira Pinto

Finalmente descobri o meu terraço

No convite que enderecei aos artistas escrevi: as obras consideradas nesta escolha fazem parte da exposição Sem Limites. Não se exige, por conseguinte nenhum esforço adicional aos artistas nesta dupla exposição das suas obras, salvo o de pensar e responder a três perguntas:

- 1) enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?
- 2) no rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos —formas sedutoras, sensuais e inteligentes—, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?
- 3) o Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais, o lugar da arte?

As perguntas e as respostas constituem parte indissociável desta deambulação.

Sem Limites é antes de mais uma manifestação de artistas em tempo de afastamento social. A arte continua presente, dissemos. Ao todo, corrigidas as omissões involuntárias, apuraram-se 118 participantes, ordenados de A a Z, cujas 305 obras se encontram em exposição. Podemos organizar um sem número de exposições distintas a partir do acervo reunido, desde que o número de artistas seja menor que 118. Por exemplo, podemos imaginar 118 exposições diferentes com 117 artistas, e a partir daqui o número de combinações cresce exponencialmente. Quantos mais percursos forem realizados, mais e mais amplas vistas teremos do conjunto. Aconselha, porém, a experiência, que exploremos esta grande exposição em doses homeopáticas de espaço e tempo. Pois só assim fruiremos plenamente a sua diversidade e riqueza.

A minha deambulação ficou-se por 17 artistas, ordenados segundo um cálculo simultaneamente analítico e subjetivo, a quem fiz três perguntas...



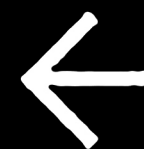
sem limites



António Cerveira Pinto - A laia de justificação...

Clausura imposta por um vírus inesperado. Rever autores conhecidos. Descobrir obras de artistas que não conhecia. No meu estúdio digital... Não foi assim tão diferente. Pouco agitou, na realidade, a minha rotina frente à janela eletrónica que há vinte e cinco anos me liga ao mundo. Pergunto-me se este regime, que não é novo, mas muitos sentiram agora diretamente na pele, não prolonga a sentença de Hegel sobre o fim da arte, desta vez sob o regime de uma ultrapassagem tecnológica da arte, capaz de a recombinar no plano das formas e da geometria variável da sua nova temporalidade, a que chamo pós-contemporânea. Há casos em que a distância entre a obra de arte e a sua digitalização mostrada num ecrã falsifica irremediavelmente o original. Por exemplo, as grandes pinturas de Vítor Pomar, ou uma peça como “Broken wave”, de Elisa Ochôa. A liberdade material, a espessura e a fricção, ou viscosidade que lhes deram origem não cabem numa prisão fotográfica. No polo oposto, direi que as obras digitais de Rui Martins e Isaque Andrade, ou a performance social de Regina Frank não sobrevivem fora do aquário eletrónico-social onde nasceram e nadam. Outras, porém, parecem conviver simultaneamente bem com a realidade analógica e a realidade digital: as manipulações com postais de Manuel Casimiro, as fotografias de interiores de Rodrigo Bettencourt da Câmara, os desenhos de António Salvador Carvalho e a sua génese análogo-digital, ou ainda a pintura estelar de João Brehm. Há também obras que nasceram para serem documentadas: “Sem título (parte da instalação ‘Road Works)”, de Katie Lagast, “Blinds”, de Inês Teles, ou “happy balance”, de Mariana Dias Coutinho. E outras que, pela sua génese estritamente digital, acabam por conviver melhor com ecrãs ou outras superfícies de projeção luminosa, como são os casos da fotografia de João Bettencourt Bacelar e a arte generativa de Margarida Sardinha. Não é que as suas obras percam necessariamente vitalidade ao migrarem do computador para a dita realidade, mas este exercício de transmutação ontológica, para não empobrecer o original, exige enorme perícia na definição, preparação e ajustes das superfícies escolhidas para acolherem este artifício de reencarnação. As fotografias de Daniel Moreira e Rita Castro, pelo contrário, continuam a pedir papel e parede, e um passeante enamorado de narrativas. Por fim, a documentação fotográfica de “Performative quarantine, Coluna, palavras apreendidas”, de Inês R. Amado, leva-me para o que Alfred Gell chamaria “índice” de uma obra de arte por explorar (there is no smoke without fire), enquanto a inesperada e tocante escrita de Jorge Castanho restaura a nossa capacidade de imaginar a natureza e a vida para lá das bebedeiras de sensações.

Podemos escrever ou falar pouco ou muito sobre uma obra de arte. Depende do que temos para dizer e do tempo que nos concedem para “perlaborar”.



António Cerveira Pinto



Artistas

Vítor Pomar, Elisa Ochôa, Rui Martins, Isaque Andrade, Regina Frank, Manuel Casimiro, Rodrigo Bettencourt da Câmara, António Salvador Carvalho, João Brehm, Katie Lagast, Inês Teles, Mariana Dias Coutinho, João Bettencourt Bacelar, Margarida Sardinha, Daniel Moreira e Rita Castro Neves, Inês Amado, Jorge Castanho

antonio.cerveirapinto@gmail.com

Artista, crítico de arte, curador e analista político. António Cerveira Pinto fundou e dirige a Aula do Risco desde 1994. É o diretor artístico do The New Art Fest, 2016, 2017, 2018, 2020. Publicou os livros O Lugar da Arte (1989) e Menos Arte (1993). Publicou mais de 3000 textos sobre arte, e sobre política. Convidado para conferências e colóquios desde 1973. Participações televisivas (Política Sueca, 2016, RTP3, e Negócios da Semana, esporadicamente desde 2015, SIC). Autor do projeto curatorial e catálogo Metamorfosis (MEIAC, 2006). Co-autor do projeto O Grande Estuário, uma visão político-urbanística para a cidade-região de Lisboa (2005). Autor de Ex-Mater, modelo para uma cidade de arte e tecnologia, em Montemor-o-Novo (1995-96), do qual resultou uma exposição e livro com o mesmo nome. Programa (não realizado) do Centro de Arte y Nuevas Tecnologías, na Corunha (1987). Participou na exposição inaugural de Centro de Arte Museo Reina Sofia, Madrid (1986). Foi um dos impulsionadores e artista participante do exposição e evento multidisciplinar, Depois do Modernismo (1983). Participou na XII Bienal de Paris (1982). Tem obras nas seguintes coleções públicas: Museu Calouste Gulbenkian, Museu de Serralves, Museu Berardo, MVM-Museo Vostell-Malpartida.



<https://chroma-kai-symmetria.blogspot.com>



sem limites



Finalmente descobri o meu terraço - artistas

Images for vitor pomar

artista visual

abstracto

grande formato

exposição

espiritual

diálogo

experimental



➔ More images for vitor pomar

www.vitorpomar.com

Vitor Pomar Bio

Artista plástico, filho do pintor Júlio Pomar, Vítor Pomar nasceu em 1949. Entre 1966 e 1969 frequentou a Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) e de Lisboa (ESBAL). Em 1970 realiza a sua primeira exposição individual (Galeria Quadrante, Lisboa). Nesse mesmo ano parte para a Holanda, onde reside até 1985; estuda na Academia Livre de Haia e na Academia de Arte de Roterdão, completando os estudos em 1973. Ensina serigrafia na Academia Livre de Haia (1973-1974). Visita o México em 1974 com uma bolsa do Ministério da Cultura da Holanda e trabalha durante cinco meses em Nova Iorque em 1982.

As it is

tríptico, acrílico sbre tela - 2020
260x435cm
25000€

Who

políptico, acrílico sbre tela - 2020
380x570cm
35000€

António Cerveira Pinto — Enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

Vítor Pomar — ...É para esquecer.

Não se faz isso a ninguém, nem ao pior inimigo!

A arte, tal como é praticada actualmente resulta no último ópio do povo.

Só uma fé, envergonhada e cega, ainda ousa suportar a prática e frequência da arte.

Sem fundamento nem razão, a arte anda à deriva, servindo aqueles que a ela recorrem.

Posto isto.

É sempre circunstancial e não universal.

É uma interrogação acerca da existência e da natureza da mente, embora nada seja dito que possa elucidar o crente.

Uma vez que não dispomos das ferramentas apropriadas para situar a questão, tudo se torna escorregadio e propício a desvi(ci)os vários.

Vejamos o caso do M. Duchamp que tanto gostava de mencionar o Leonardo e sua ‘coisa mental’: mas quem se deu ao trabalho de investigar essa questão em profundidade?

E os adorados seguidores do Marcel, capazes de ignorar a onnipresente sensualidade e humor do mestre, e contentarem-se com a palha (chacota mental)?

Tb há a ideia de que já nada se pode fazer de novo, que apenas nos resta a recapitulação da matéria dada!

Ora sabemos que nada se repete, uma vez que a mente/realidade é por natureza pura criatividade.

Uma vez descartado o pensamento discursivo, desvanecido o labirinto dos pensamentos sempre pronto a encapsular-nos irremediavelmente, há que aprender a desaprender.

Em que a consciência é navegação sem distanciamento (dela própria).

É este distanciamento ou separação que a obra de arte (genuína) convida a anular, através da ponte chamada desapego!

É por isso que o respeito pelo outro é a via do respeito por si próprio: não há outro.

É por isso que, ao contrário das artes, a verdadeira liberdade não depende de causas e condições, é intrínseca a cada um no seu íntimo, no silêncio do coração.

É por isso que estamos sujeitos a procurar atingir e acaparar essa liberdade remanescente, sem nos apercebermos de que, por nos ser constitutiva, não é suscetível de nos trair!

A propósito, ousarei anexar algumas breves notas recentes.

“Diria que há quatro tipos de artistas, a saber:

— Aqueles que incansavelmente repetem a exclamação infantil usada para chamar a atenção das mães para as suas habilidades.

— Surge em seguida o caso do eterno adolescente que usa e abusa da libidinosa pulsão para construir sua obra.

— Apresento-vos agora o artista por excelência, imbuído da sua qualidade própria e única, talvez mesmo à imagem da ideia do Universo enquanto criação divina.

Ele, o artista, possui e/ou é possuído pelo seu estatuto, que tanto provoca o senso comum como encanta o público, esse seu devoto-quase-súbdito.

Diria que...

Todos e cada um destes modelos de que despidoradamente aqui abuso, coabitam em cada artista, em maior ou menor grau ou preponderância, variando também ao longo do tempo que nos é facultado para o exercício da ac-tividade criativa.

Por fim podemos bem suspeitar que a tal, (re)ferida qualidade intrínseca da mente não é apanágio exclusivo do artista, mas pelo contrário, é comum a todo e qualquer humano, auto-conhecimento incluído.

O artista parece assim exercer uma actividade que só a fé, no seu valor próprio, justifica, uma vez que nada de ‘científico’ lhe pode valer.”

A chave para a quarta categoria de artista encontra-se na definição de BELEZA que mais me apraz e inspira:

“Longe de pertencerem ao objecto, as características da beleza relativa estão intimamente ligadas ao observador.

Um matemático maravilha-se com a beleza de uma equação bem concebida e um engenheiro com a beleza de uma máquina.

Aquele que deseja a calma escuta deliciado um prelúdio de Bach.

O ermita que contempla a transparência última do espírito não experimenta uma tal necessidade; a sua harmonia com a natureza do espírito e dos fenómenos situa-se num outro plano; para ele, todas as formas são compreendi-das como a manifestação da pureza primordial, todos os sons como o eco da vacuidade e todos os pensamentos como o jogo do conhecimento.

Não faz distinção entre o harmonioso e o discordante, o belo e o feio.

A beleza tornou-se onnipresente e a plenitude imutável.

Alguém diz: “Em vão procuraríamos pedras da rua numa ilha de ouro.”

Matthieu Ricard in “O Infinito na Palma da Mão”, (pag. 320, Editorial Notícias)

VP, 8/06/2020

[não respondeu às perguntas seguintes]

Images for elisa ochôa

artista visual

natureza

marinha

exposição

desenho

ondas

reciclagem



More images for elisa ochôa

<https://www.instagram.com/elisaochoacuradorartista/>

Elisa Ochôa Bio

Artista plástica, curadora e investigadora na área do património e educação artística. Desenvolveu vários projetos de educação artística, com destaque especial para as oficinas de arte e filosofia desenvolvidas em algumas escolas em Paris, com o apoio da Fundação Gulbenkian, em 2011; e para o projeto de educação do património “Ojo dibujante”, que concebeu e realizou em Barcelona, durante o ano de 2017. Foi professora de artes performativas em Nova Iorque, durante 5 anos; e tem o grau de mestre em Museologia e Museografia da Faculdade de belas-artes de Lisboa. Licenciada em filosofia pela UCP. Nos últimos três anos, tem-se dedicado à ilustração, pintura e fotografia, tendo já realizado algumas exposições em Lisboa e Barcelona. O seu interesse especial pelo universo natural levou-a a explorar graficamente muitos dos elementos marinhos portugueses, com desenhos, recortes e pinturas sobre a sua fauna e a flora. É de destacar o seu trabalho de investigação no museu Calouste Gulbenkian, nos anos de 2012-2013, com a criação de um inventário e plataforma museológica digital, com base nas exposições temporárias do museu e da Fundação.

Work Description

Mar português e espécies marinhas de Portugal.

Cachalote

Desenho, Tinta da China sobre papel. - 2019
250x190cm
3000€

Gorgónia

Desenho, Tinta da china sobre papel, 2020
100x70cm
700€

Broken wave

Fotografia montada em gaveta reciclada - 2020
60x40cm
500€

vídeo



Images for rui martins

artista visual

generativo

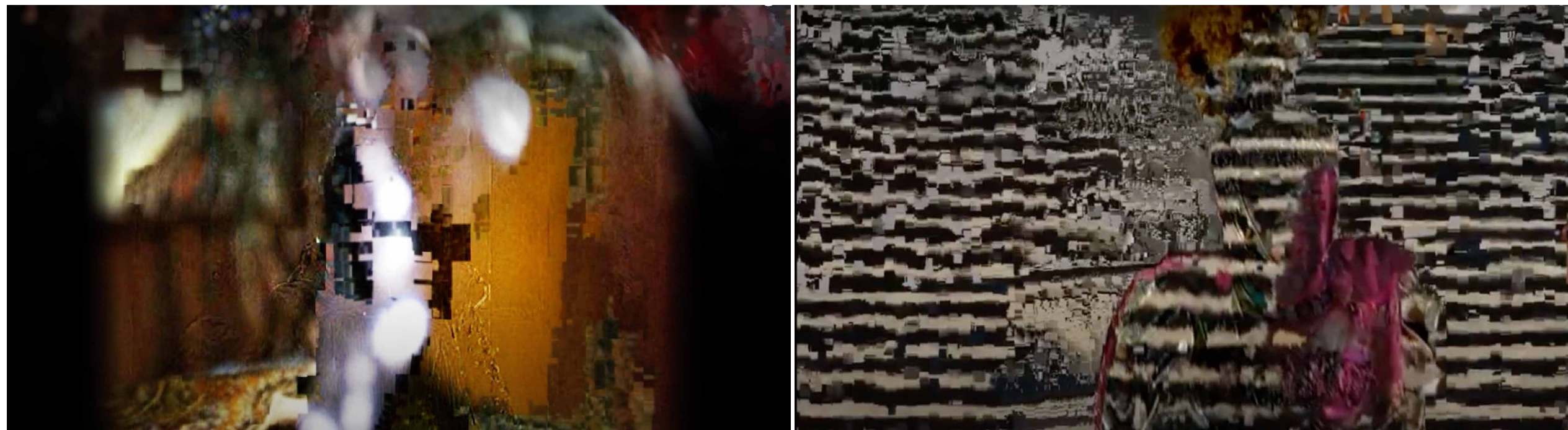
digital

dupla imagem

exposição

timelapse

transição



→ More images for rui martins

<https://feathersalwayismakeplattractive.tumblr.com/>

Rui Martins Bio

Formado em Design Visual pelo IADE. Desde os finais dos anos 90, os trabalhos repartem-se em diversos meios como o vídeo, a arte digital e a instalação. Colaboração regular com outros artistas visuais, músicos, arquitectos, curadores; enquanto artista e/ou designer na elaboração e design de exposições.

P.E

Vídeo 1920p/1080p 60 min. - 2020

Uma obra de arte generativa em que cada exemplar tem uma combinação única. Este video é um loop de 60 min. A visualização pode ser iniciada em qualquer parte do video e deve ser feita, ainda que apenas parcialmente, com um único olho. Musica de Jono Podmore

1000€

<https://www.youtube.com/watch?v=nddlkT91IQM&t=2429s>

Janus

Vídeo 1920p/1080p 00:22 min. - 2020

Neste vídeo, graças a um acidente (glitch), pretende-se que o actor passe a representar Janus, o deus romano da mudança e da transição. 3 cópias

400€

<https://www.youtube.com/watch?v=Fm7Pnl4mh0o>

Engraving

Vídeo 1920p/1080p 00:37 min. - 2020

Uma obra de arte generativa em que cada exemplar tem uma combinação única. No datamosh, um tipo de glitch, os pixels de uma cena são arrastados pelos pixels da cena seguinte, ficando como que colados a estes. O título “Engraving” é uma associação entre esta ocorrência e o acto de gravar alguma coisa. Este título, pelo seu potencial metafórico, acaba também por influenciar a interpretação da narrativa do video. 3 cópias

400€

<https://www.youtube.com/watch?v=l4k7vsjyxJk>

António Cerveira Pinto — enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

Rui Martins — A arte para mim é uma espécie de linguagem em constante mutação. Não procuramos apenas comunicar, procuramos também diferentes formas de o fazer. Acaba por ser uma forma artificiosa de transmitir uma determinada interpretação da realidade.

ACP — no rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

RM — Há uma certa dessacralização da arte que me agrada. As imagens circulam porque as pessoas sentem empatia por elas. O autor ou é desconhecido ou passa a um plano secundário. É um pouco o oposto do que normalmente acontece nos mercados de arte.

ACP — o Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais, o lugar da arte?

RM — “It’s pretty, but is it art?” perguntava Orson Wells no seu filme F For Fake. Se calhar não chega, mas há uma banalização da auto-representação, que não é irrelevante e que acaba, de um modo ou de outro, por ter de ser levada em conta na produção artística. Um artista que trabalhe com este tema, terá certamente uma abordagem diferente, da que teria, caso este fenómeno não existisse.

Images for isaque andrade

artista visual

conceptual

digital

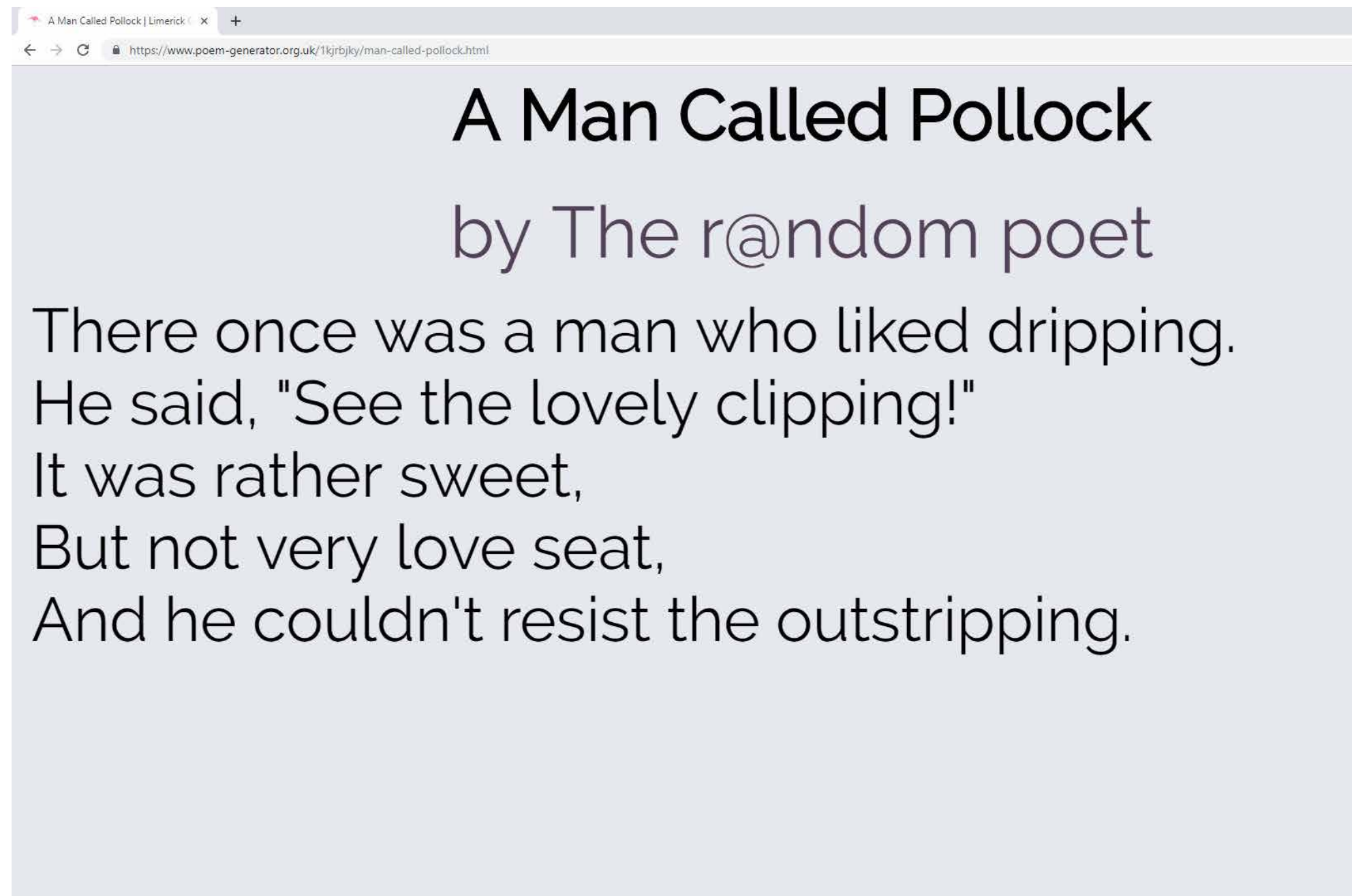
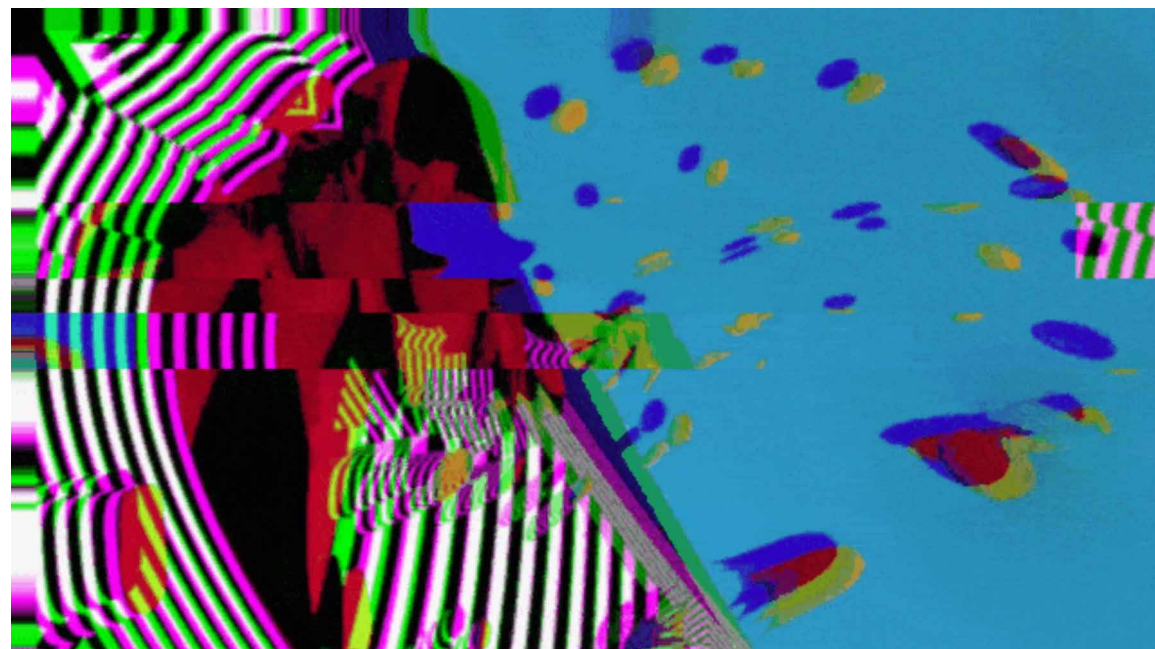
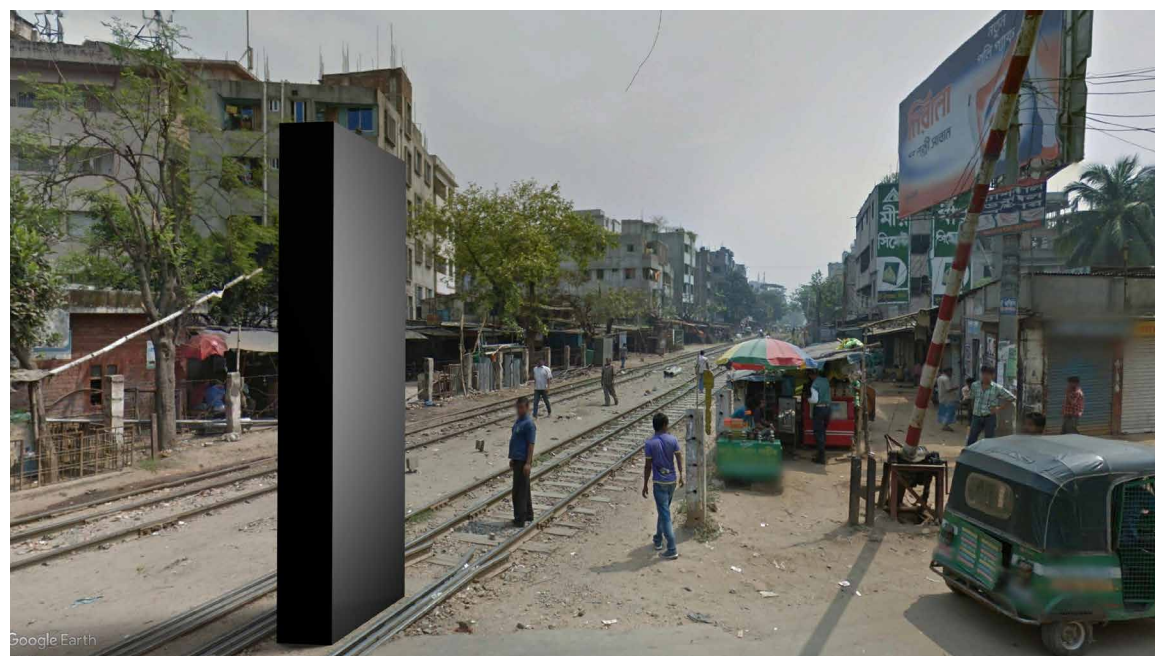
exposição

generativo

aleatório

glitch

>



→ More images for isaque andrade

www.behance.net/isaque_andrade

Isaque Andrade Bio

Formado em Pintura pela FBAUL, formação que não renega, mas da qual se afastou (felizmente) quase na totalidade. Faz arte com ferramentas digitais (apps, 3D, gifs, vídeo, motores generativos web, photoshop, etc). Algumas exposições no final dos anos 90 e início deste século, nomeadamente na Galeria Belo Belo (Braga) e na Galeria Quadrum (Lisboa). Desde aí expõe em plataformas e blogues online.

2018: A Google Earth Odissey

Arte Digital, 3D (Post-Internet Art) - 2018

Uma Odisseia no espaço virtual/real do Google Earth, onde os transeuntes à volta do mundo se deparam com o mesmo monolito e estupefacção que vemos no filme de Kubrik 2001: A Space Odissey.

Dimensões variáveis (até formato A2)

1500€

COVID-20, Coronavideos

Arte Digital (Post-Internet Art, Glitch Art, Gif) - 2020

Através de uma app criada para o tumblr (master of shapes), que reage à onda sonora de um ficheiro de música (mp3 ou URL), é criada em streaming uma geração de imagens aleatória, procuradas pela hashtag em páginas de blogues tumblr também de forma aleatória (no caso da presente obra #glitchgif). Foi gravado com uma câmara capturadora de ecrã um vídeo desse streaming, do qual foram feitos diversos gifs. A escolha da música (rock, jazz, electrónica, etc), também determina de certa maneira, não as imagens em si, mas a quantidade de variações e a velocidade das mesmas. No final foi feito um glitch final a cada gif, dos quais a presente obra é apenas um exemplo.

640x360 px

1500€

https://www.behance.net/isaque_andrade

Autom@tic Art Poems, by The R@ndom Poet (A Man Called Pollock)

Arte Digital, Post-Internet Art, Generative Poetry - 2019

Poesia generativa feita directamente num motor de internet (poemgenerator.org), onde pela escolha de quatro ou cinco palavras (no caso da presente obra a opção foi a forma poética de um Limerick, um verbo, um substantivo, um nome próprio, etc), é gerado um poema aleatório baseado nesses vocábulos. Os poemas finais surgem pela tentativa e com as limitações que o próprio motor tem ao nível de vocabulário e sintaxe. É no final uma questão de escolha do resultado dessas várias tentativas. Todos os poemas são sobre artistas, quer seja sobre algum aspecto do seu trabalho ou da sua vida.

Dimensões variáveis (até formato A3)

500€

António Cerveira Pinto — Enquanto artista que significado tem a palavra arte para ti?

Isaque Andrade — Arte é a liberdade de expressar a minha cosmovisão, seja de uma forma artística, poética, política, sociológica, fazendo o mínimo de cedências, algo que por vezes, como cidadão, não acontece.

ACP — No rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

IA — Talvez o mais genuíno no meio de toda esta informação, seja a utilização e a maneira como as diversas linguagens são articuladas pelo artista, e menos a originalidade no sentido e uso mais tradicional da palavra. Claro que as temáticas são importantes, mas ser original usando os mesmos canais de informação, os mesmos meios tecnológicos (apesar de terem múltiplos usos), não é tarefa fácil.

ACP — O Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais o lugar da arte.

IA — Pegando na resposta à segunda pergunta (o uso a maneira como se articulam as diversas linguagens) é talvez o que acho de mais importante. Há uma diferença entre cosmovisão e egovisão, partindo a primeira de um ponto de vista pessoal para o colectivo (usando as redes sociais, por exemplo para partilhar) e a segunda de uma percepção do mundo centrada em si mesma (usandos as mesmas redes sociais, para apenas mostrar, seja o que for). Talvez a arte se encontre a meio caminho.

Images for regina frank the heart is present

artista visual

online

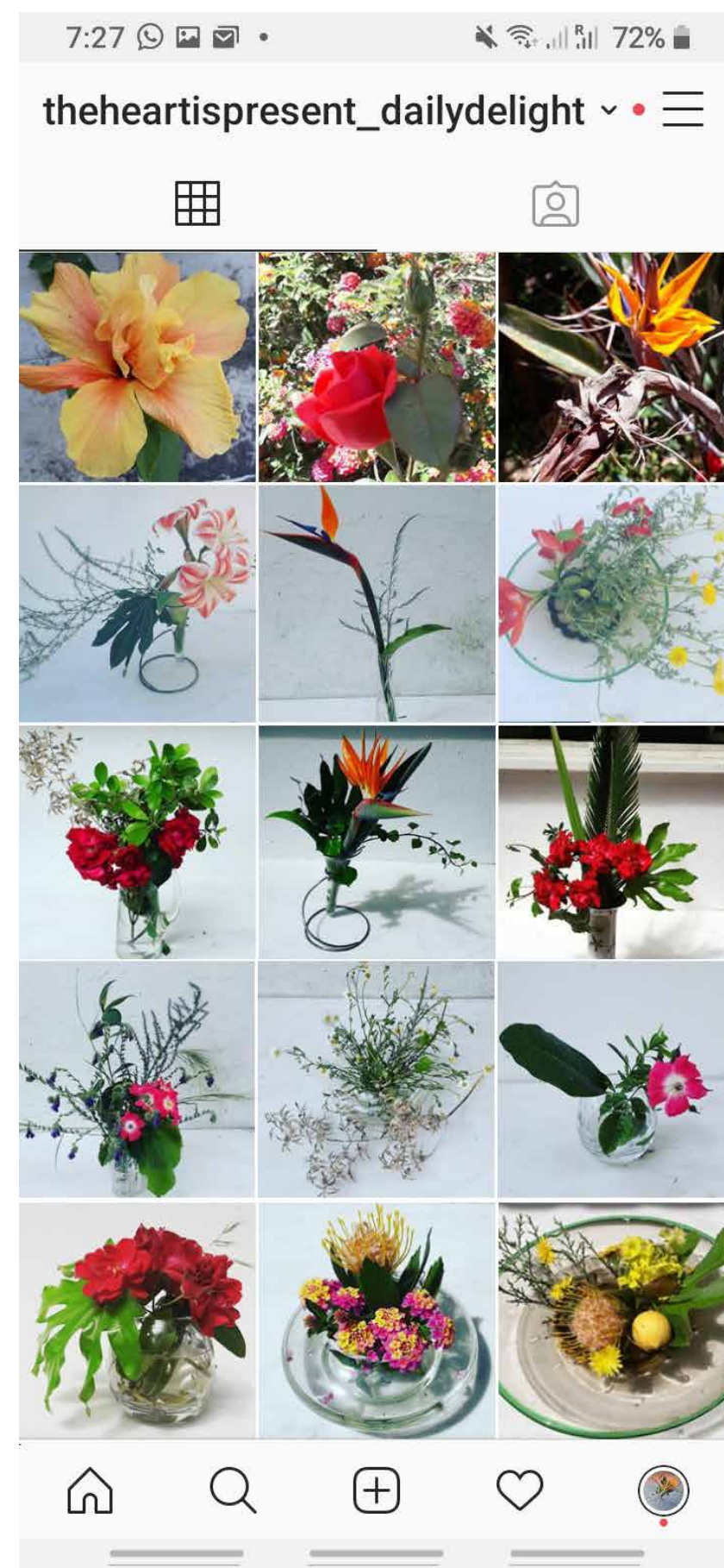
diário visual

exposição

performance

digital

conceptual



➔ More images for regina frank the heart is present

www.theheartispresent.com

Regina Frank The HeArt Is Present Bio

Regina Frank has exhibited her work in Europe, the US and Asia, including, the New Museum of Contemporary Art in New York, the Serpentine Gallery in London, the MOCA in Los Angeles, the Cultural Olympics in Atlanta, the Spiral Wacoal Art Center in Tokyo, the Museum of Modern Art in Sapporo, the San Diego Museum of Art, Chienku University of Technology in China, Expo 2000 and UNESCO in Paris. In 2017, she developed Slowdown Runway for London Artfair with Brian Eno and Beezy Bailey. Her most recent project iLAND was exhibited MAAT (Museum of Art, Architecture and Technology) in Lisbon, the Kunsthalle Hannover, TheNewArtFest18, Websummit 2018, Tracey Emin's project in the VIP lounge at Frieze Artfair London and TheNewArtFest MUNHAC (Natural History Museum), Lisbon, BioArt 2018, Seoul Korea and and iLAND SilentScience in the Pavilhão do Conhecimento in Lisbon. Regina Frank's work, which combines text, technology, and textile, has been featured since the early 1990s in several history books, art magazines, newspapers, as well as at Vogue, Harpers, Parade, and Cosmopolitan, in Sculpture Magazine and AvantArt, FAZ Frankfurter Allgemeine Zeitung, YALE UNIVERSITY RADIO, FRESH ART INTERNATIONAL and the OBSERVADOR. Her work is in numerous private and museum collections, such as San Diego Museum of Art and the Deutsche Bank Collection.

Work Description

Regina Frank relates in her work to issues of sustainability during the current COVID19 Lockdown. The piece reflects her daily practice and health-keeping routines such as painting and drawing as an artist, but it also includes her daily meals (obra 2) as well as her discovery of nature around her, mainly plants or flower arrangements (obra 3). Every day Frank posts one drawing or painting, a dish and a flower in her Instagram accounts: TheHeartIsPresent_DailyDraw, one dish in TheHeartIsPresent_DailyDish and one flower arrangement or blossom in TheHeartIsPresent_DailyDelight. The analog version of the piece is a triptych featuring the project in it's complexity as a daily process would be exhibited. The book containing the entire ongoing project can be ordered on-line as an art-piece in itself.

DailyDiscipline - DailyDrawing

Fotografia/Instalação/Online Projeto @theheartispresent_dailydraw - April/May 2020
https://www.instagram.com/theheartispresent_dailydraw/

DailyDiscipline - DailyDish

Fotografia/Instalação/Online Projeto @theheartispresent_dailydish - April/May 2020
https://www.instagram.com/theheartispresent_dailydish/

DailyDiscipline - DailyDelight

Fotografia/Instalação/Online Projeto @theheartispresent_dailydelight - April/May 2020
https://www.instagram.com/theheartispresent_dailydelight/
 91x199cm
 2200€ (triptych)

António Cerveira Pinto — as an artist what meaning does the word art have for you?

Regina Frank — Art for me has to touch my heart. If it doesn’t touch me in some way I prefer to pass. Still, I see a lot of art shows on a regular basis. I scan them until I stop at something. It can take me three hours to go through a museum and two hours just to sit in front of a Monet that I didn’t know.

ACP — in the river of sensations where all merchandise, including merchandise-information, is wrapped in shapes that appeal to the senses - seductive, sensual, and intelligent forms - is it still possible to highlight a genuine work of art?

R — Yes absolutely. I still discover the fantastic work of young artists and old alike. The other day I was in a Yayoi Kusama show and was just blown away. Regina Jose Galindo’s performances, El Anatsui’s sculptural paintings, the silent sensitive work of Anne Wilson... Louise Bourgeois... there are so many talented artists out there that literally can change your view and leave you stunned. I went climbing in Tomás Saraceno - in orbit. I went there 5 times for several hours and explored the installation lying there climbing.

ACP — Instagram and social networks, in general, placed the image, representation, and mirror at the top of the global imagination. They provided everyone with a kind of quick training in creativity and art, making each of us automatic artists. In this living virtual museum, what is, once again, the place of art?

R — I mean once you stand in front of it Art enriches my life. Instagram can only reflect a memory of art and build networks of art that you feel like checking out in reality later. It will never replace my experiences to see actual work placed next to each other and exploring installations making my own connections with the artists’ creation. The digital can’t replace what I can touch and walk around.

arte conceptual



Images for manuel casimiro

artista visual

postais

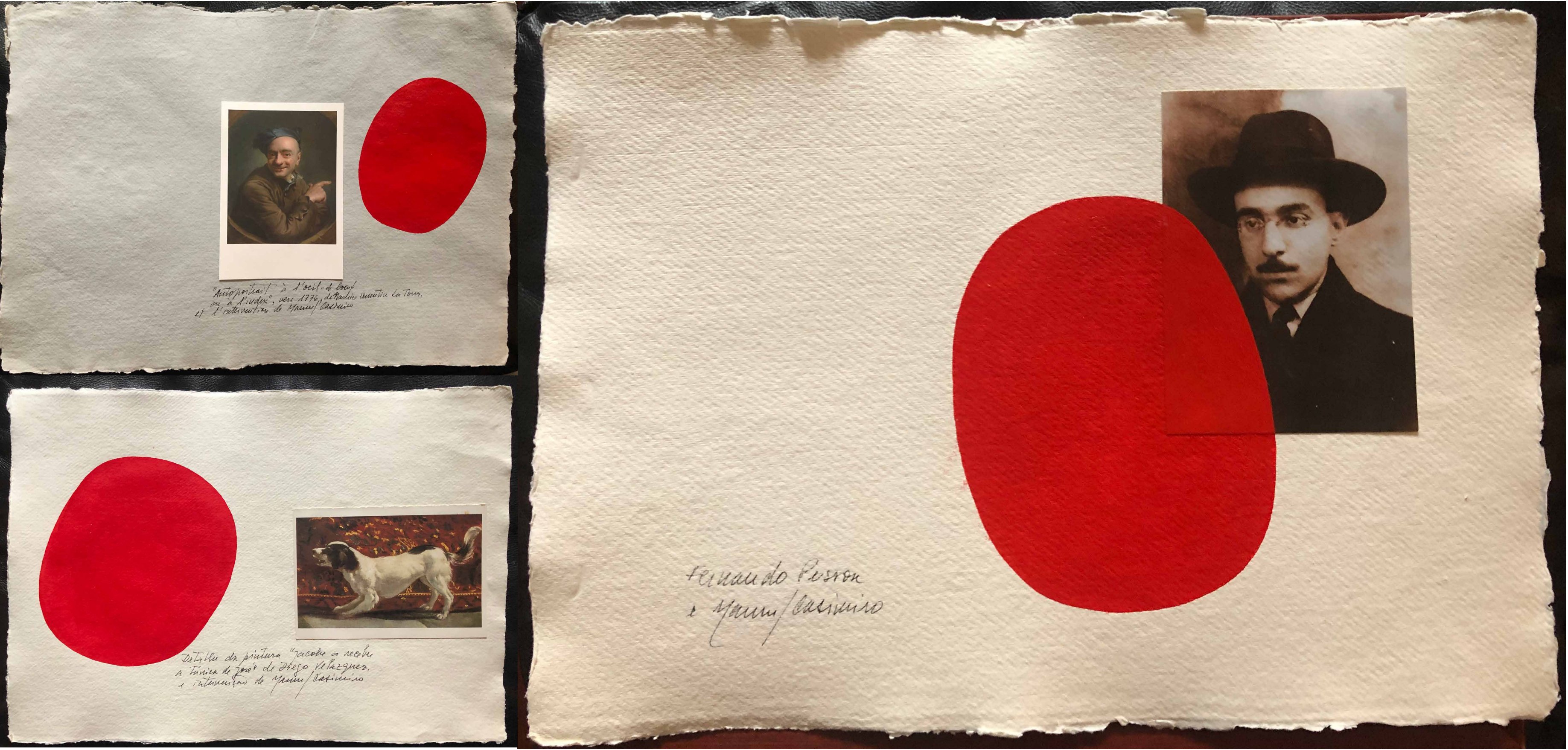
intervenção

referências

escrita

exposição

vírus



→ More images for manuel casimiro

www.manuelcasimiro.com

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Casimiro

<https://www.lemonde.fr/blog/lunettesrouges/2019/02/11/un-vide-dans-limage-manuel-casimiro/>

Work Description

A série “Covóides-20”, que como o vírus também contaminam, propagam-se, mas não matam, só fazem bem.

Covóides-20

Já em 1776 como vemos neste auto-retrato, o colega de ofício Maurice Quentin La Tour perguntava surpreendido, o que seria aquele “Covóide-20” vermelho? intervenção a acrílico, postal, tinta da China, sobre papel - 2020 30X42,50cm 3000€

Covóides-20

Este cão da pintura do “Jacobe a receber a Túnica de José” de autoria do extraordinário pintor Diego Velazquez, que todos conhecemos, foi de facto surpreendido por este “Covóide-20”, e não faz outra coisa do que ladrar. Espero que o cão não esteja a incomodar? intervenção a acrílico, postal, tinta da China, sobre papel - 2020 30X42,50cm 3000€

Covóides-20

Fernando Pessoa visivelmente surpreendido pelo “Covóide-20”, pensou: “A obra de arte, fundamentalmente, consiste numa interpretação objectivada duma impressão subjectiva”. intervenção a acrílico, postal, tinta da China, sobre papel - 2020 30X42,50cm 3000€

António Cerveira Pinto — Enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti ?

Manuel Casimiro — Naturalmente é muito difícil de definir arte, já que reúne entendimentos vários ao longo dos diferentes tempos, e as definições tendem a serem incompletas, redutoras.

Todos sabemos que “Arte” é uma palavra que veio do latim “Ars”, que se referia a habilidade, a técnica. Habilidade que aqui neste contexto significa competência, não no sentido de ser instruído, mais no de saber fazer, no de ser capaz.

Na Antiguidade, encontramos na arte uma procura de um entendimento do que há de mais profundo no ser humano, que nada tem a ver com tecnologia.

Sabemos que os gregos, Platão e Aristóteles fundiram a lógica e a ética com a estética, ideias que vieram mais tarde a provocar grandes discussões.

Nesse tempo, em relação à arte, Platão já considerava haver dificuldade de se fazerem juízos estéticos. Aristóteles foi discípulo de Platão, mas nos seus pensamentos e ideias distanciou-se dele. Aristóteles associou o belo à realidade sensível, humana, libertando-a da ideia de perfeição, considerando assim a possibilidade destas suas reflexões e conceitos sobre estética e o belo serem mutáveis no tempo, como se veio a verificar. Alguma coisa destes conceitos permaneceu, sofrendo várias alterações ao longo dos tempos, ainda hoje se recorre à palavra estética, já não com o sentido da ideia primitiva do grego antigo para qualificar o belo, mas por vezes para designar belo, o que outrora seria feio, ou até para caracterizar a ausência da própria estética.

Sobre estes assuntos muita coisa se disse e se escreveu ao longo dos séculos, e se continua a dizer e a escrever no presente em que vivemos.

No período mais recente da arte, a que chamamos “contemporânea”, creio que passamos por um tempo de deriva, donde no meu entender se salvam alguns artistas, poucas excepções. O tempo dirá de sua justiça.

Nem sempre verificamos que a arte contemporânea dá atenção à sensibilidade, à inteligência, à razão, intelectualidade, não se interessa por nada disto, talvez por pretender e pensar que assim se livra de qualquer eventual academismo. No entanto, verificamos que muitos artistas macaqueiam, seguem um gosto global.

Com raras excepções, creio que de um modo geral, a arte contemporânea, os artistas aspiram apenas a aceder a uma visibilidade, num tempo onde se confunde visibilidade com a importância que de facto uma obra de arte possa ter.

No meu entender, a arte contemporânea encontra-se num estado gasoso, vemos um intenso nevoeiro, que rapidamente passa e nada deixa.

Na minha opinião, a arte contemporânea revela e espelha a profunda crise em que se encontra o homem de hoje, sem identidade própria, confundido, perdido no meio dos imensos conhecimentos científicos, técnicos e de ordem prática.

ACP — No rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo mercadoria informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos --- formas sedutoras, sensuais e inteligentes ---, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína ?

MC — Grande parte da informação passa hoje pelo virtual. Mas é uma ilusão pensar que o virtual poderá substituir o real. O homem não pode viver sem recorrer a alimentos reais.

O virtual é algo que veio revolucionar completamente as nossas vidas, e ajudar imenso o ser humano, é um meio potencial a que felizmente todos podemos recorrer para nos ajudar em diferentes situações.

No ponto de vista das sensações que sentimos, e das ideias que a mente nos pode suscitar diante duma certa obra material, creio que a visão virtual dessa mesma obra, não é tão enriquecedora.

Dou o exemplo do que me aconteceu há muitos anos, diante das “Demoiselles d’Avignon” do Picasso, pintura que conhecia já desde a minha juventude, de leituras de vários livros onde a vi reproduzida. Vi pela primeira vez esta obra em Nova Iorque em 1977 ou 78, e posso dizer que o que senti diante da obra real foi muito diferente do que vivi diante de reproduções, e isto não só ao nível das sensações. De facto, esta pintura também me levou a entendimentos próprios, diferentes dos que já conhecia vindos de outros, e motivou desde logo neste mesmo ano a feitura de vários trabalhos, intervenções em imagens desta obra, que se viriam a alargar aos muitos desenhos preparatórios de Picasso, que testemunham as suas hesitações na escolha dos personagens, na organização do espaço da “mise en scène”, da representação. Mais tarde, todas estas obras de Picasso vieram a originar desenhos e pinturas casimirianas, que foram mostrados pela primeira vez em Serralves em 1996, quando da minha retrospectiva organizada por Jean-Hubert Martin. Algum tempo depois, estas obras viajaram para Espanha. As “Demoiselles” do Picasso é uma obra que como é sabido revolucionou os entendimentos tidos até ali, na provocação que faz ao espectador de participar no seu jogo trágico, que não é mais que um reflexo da existência humana em todas as suas contradições, as suas máscaras. Sendo esta obra muito diferente nos seus propósitos da das “Meninas” de Velázquez, não deixa de me recordar que também ela convida o espectador a participar na cena, espectador que do lado exterior à pintura é empurrado para dentro dela, dando assim vida aos sortilégios da ilusão teatral numa transfiguração permanente.

ACP — O Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais o lugar da arte.

MC — Hoje, a arte recorre aos meios que facilitem a sua visibilidade, não só das obras, também dos artistas. Mas isto também pode ser um formato distorcido da realidade, quando a informação é superficial e corresponde apenas a uma aparência duma realidade que de facto não pode ser facilmente reconhecida. Confunde-se muito a visibilidade com a importância de uma determinada obra.

Na penúltima conversa que o SOS-Arte PT organizou a propósito da relação do dinheiro com a arte, na apresentação dos participantes e do assunto da conversa, recordei o grande escritor, prémio Nobel de literatura, Albert Camus, com uma frase a propósito de arte que aqui reproduzo na língua original e numa tradução livre: “Le but de l’art, le but d’une vie ne peut être que d’accroître la somme de liberté et responsabilité qui est dans chaque homme et dans le monde.” Ou seja: “A Finalidade da arte, a finalidade duma vida não pode ser senão a de aumentar a soma da nossa liberdade e da responsabilidade que está em cada homem e no mundo”.

Images for rodrigo bettencourt da câmara

artista visual

artistas

ateliers

exposição

criativos

timelapse

fotógrafo



➔ **More images for rodrigo bettencourt da câmara**

<https://visura.co/bettencourtdacamara/stories/spaces>

Rodrigo Bettencourt da Câmara Bio

Rodrigo Bettencourt da Câmara (Lisboa, 1969). Artista visual com formação em Desenho, Pintura, Multimédia, Fotografia e Conservação e Restauro. Tem exposto o seu trabalho regularmente desde 1990, não só em Portugal, mas também fora do seu país (nomeadamente em Espanha, Brasil, Moçambique, Irlanda, França, EUA, China e Índia), onde tem integrado diversas exposições. Destaca-se a sua exposição individual mais recente, “Spaces”, na Chiado 8 Arte Contemporânea, em Lisboa.

Work Description

Tenho andado a visitar artistas e a fazer este projecto desde 2009

Nelly Guambe no Atelier

fotografia - 2014
100x150 cm
2000€

Monica Barki no Atelier

fotografia - 2014
100x150 cm
2000€

Rodrigo Oliveira no Atelier

fotografia - 2014
100x150 cm
2000€

António Cerveira Pinto — enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

Rodrigo Bettencourt Da Câmara — O que faço reflete uma prática, uma vivência, uma exploração de que me rodeia. Vivo no meio da “arte” mas não me preocupo em defini-la. Existe uma obsessão que me leva a fazer, diariamente, algo que se torne externo.

ACP — no rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

JBB — Quando desenvolvemos um percurso, com o tempo, este torna-se cada vez mais pessoal. Por muitas influências que forçosamente temos, o resultado será sempre único e individual. E genuíno. Agora, depende de quem vê e interpreta. Existem supostos interlocutores que dizem saber o que é uma obra de arte.

ACP — o Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais, o lugar da arte?

JBB — Para mim a arte tem algo de material ou presencial, de suporte. Das ideias e práticas passa-se para a obra. O digital também tem suporte, não tão diferente. O Instagram e as outras redes sociais dão pistas sobre os artistas, vão despertar a curiosidade de saber mais. Será sempre importante conhecer quem está por trás.

Images for antónio salvador carvalho

artista visual

desenho

redes sociais

exposição

crítica social

vaidade

devaneios

➤



More images for antónio salvador carvalho

<https://antoniosalvadori.blogspot.com/>

<https://www.instagram.com/antoniosalvadorcarvalho/?hl=pt>

António Salvador Carvalho Bio

Nascido em Lisboa 1969. Licenciado em Pintura pela faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, e me-
strado em animação 3D pela Universidade de Bournemouth. Artista versado em desenho, pintura, escultura e 3D..

Work Description

Um ensaio sobre a vaidade em tempo de confinamento do Covid19, na forma de um tríptico familiar ao estilo de
um facebook ou instagram post. Este retrata uma família em confinamento tomada pelo vírus do social media,
nomeadamente o Pai...Mãe...e Irmã. Os desenhos na forma de esboço digital são executados à mão em suporte
de folha de papel.

A minha mãe é mais fit que a tua!

desenho, acrílico e caneta de feltro - 2020
papel Accademia Fabriano 350gramas 50 x 70 cm
300€

A minha irmã é mais linda que a tua!

desenho, acrílico e caneta de feltro - 2020
papel Accademia Fabriano 350gramas 50 x 70 cm
300€

O meu pai é mais fixe que o teu!

desenho, acrílico e caneta de feltro - 2020
papel Accademia Fabriano 350gramas 50 x 70 cm
300€

António Cerveira Pinto — Enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

António Salvador Carvalho — Arte é uma palavra que normalmente atribuo a um modo de associação livre de ideias e pensamentos na re-interpretação do mundo. O esforço de ajuste entre os sentidos e o sentir. Um jogo a que tanto o sujeito criador como espectador se entregam de construção como desconstrução de certezas que acompanham uma visão totalitária da realidade.

ACP — No rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

ASC — Destacar uma obra de arte genuína alheia ao grau de sedução que dela e do seu autor actualmente se espera é difícil. Quem se dispõe a ir ao encontro do duvidoso ou politicamente incorrecto para encontrar ou lhe dar algum sentido?

ACP — O Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais o lugar da arte.

ASC — O lugar da arte num museu virtual é o que a tecnologia tornar possível. A arte digital pode em algum momento começar a ser encarada ao mesmo nível das artes manuais/presenciais e com isso abrir espaço a um outro modo de ver, sentir e pensar o objecto. Acredito que a realidade virtual venha possibilitar um significativo campo de experiências artísticas que prescindem de palco ou suporte físico. Penso que o período pós Covid pode inaugurar um outro Renascimento artístico. Tornar mais uma vez significativo o acordo entre arte e tecnologia.

Images for joão brehm

artista visual

dimensões

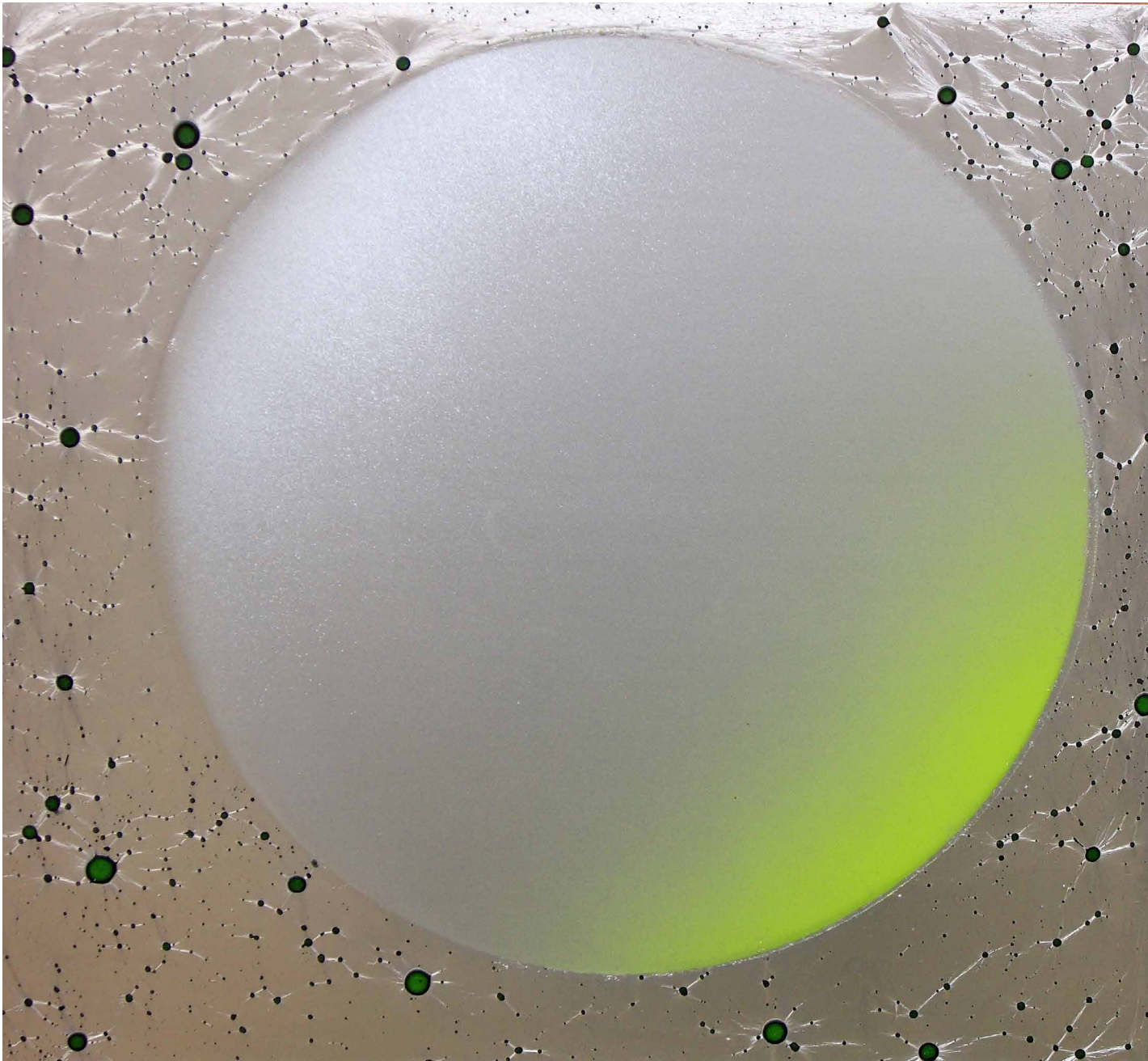
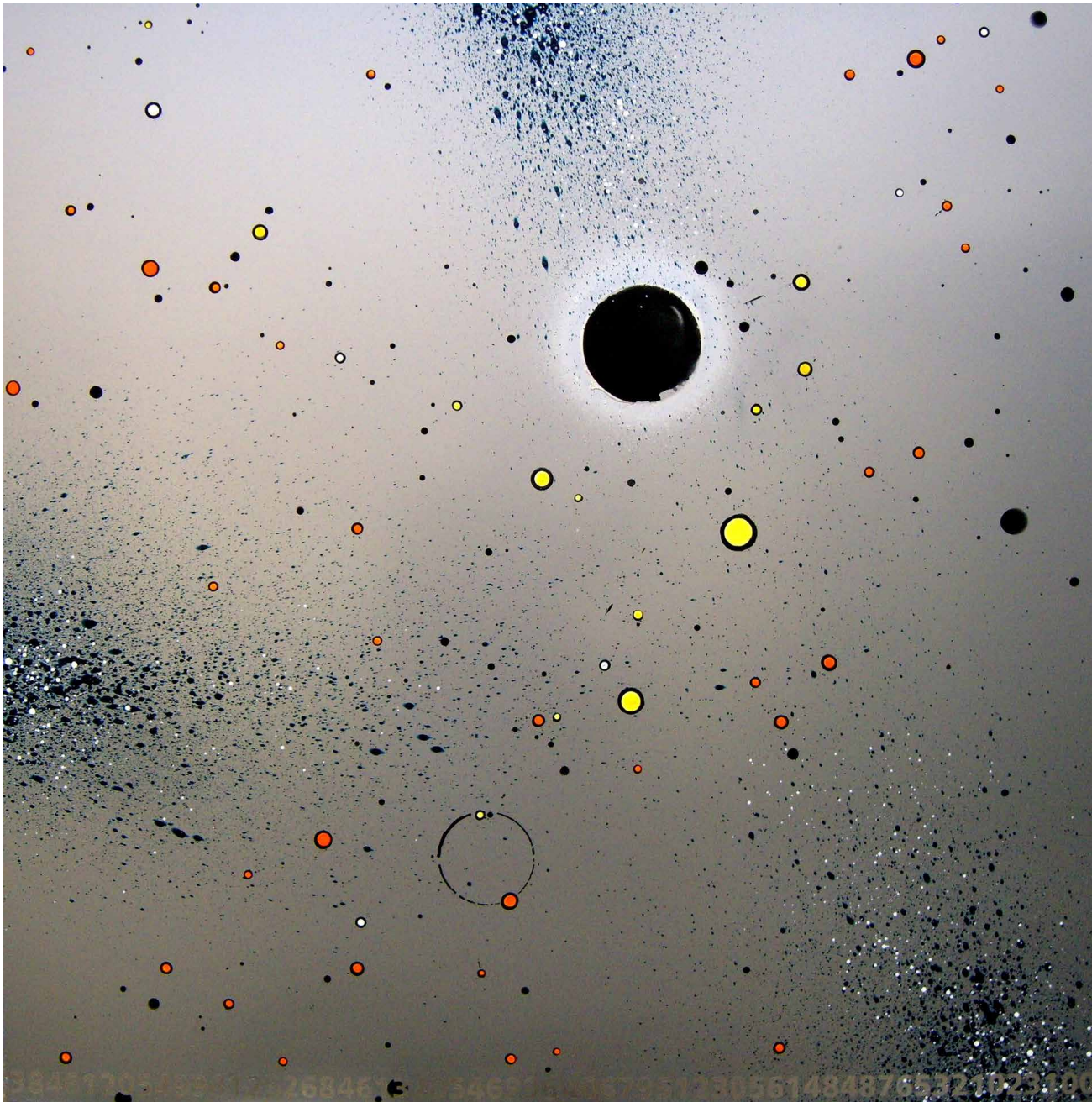
ciência

exposição

sub-atômico

spin

conceptual



NeutrinoPhaseOne-14

Mixed media s/PVC alumínio - 2009
100x100cm
8000€

NeutrinoPhaseOne-23

Mixed media s/PVC alumínio - 2010
50x50cm
5000€

NeutrinoPhaseOne-25

Mixed media s/PVC alumínio - 2010
100x100cm
8000€

➔ More images for joão brehm

<https://joaobrehm.blogspot.com>

João Brehm Bio

Nasceu em Lisboa em Janeiro de 1951. Artista visual e cineasta. Efectuou mais de 50 exposições individuais e colectivas. Diplomado em Pintura pela Escola de Artes Decorativas António Arroio (1965-68). Diplomado em Arquitetura de Interiores pelo I.A.D.E. (1969-71). Exilou-se no estrangeiro em 1972, tendo vivido em Paris e em Bruxelas. Curso de Cinema do IN-SAS, Institut Nat. des Arts du Spéctacle, Bruxelas 1973-76). Bolseiro da Fundação Gulbenkian em 1976–77 e 1977–78. Regressado a Portugal realizou diversos filmes. Representado em vários Museus e diversas colecções públicas e privadas, nacionais e internacionais. Convidado a apresentar a sua obra na Conferência da “International Colour Association” que se realizou na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa) em Setembro de 2018.

António Cerveira Pinto — Enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

João Brehm - Arte para mim é o Enigma. Cada ser é único no Universo. Quanto mais se procurar no fundo de si próprio, um exercício muito duro e difícil, mais se encontrará o universal que existe em todos os seres. Se o artista conseguir atingir esse patamar, conseguirá tocar nos outros aquilo de comum que os une, que ninguém poderá explicar mas que, misto de surpresa e prazer únicos não encontra equivalente em nenhuma outra experiência criada pelo homem. Não é apenas tentativa de interpretação pessoal do mundo ou emoção, é um ritual metafísico partilhado com o subconsciente colectivo humano, uma atitude quase mística.

ACP — No rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

JB - No meio dum tal caleidoscópio de imagens de todos os géneros com que somos confrontados em permanência, em que o que parece sedutor é muitas vezes provocador de enganos e estímulos passageiros, para mim, embora pareça pretensioso, é fácil e possível encontrar uma obra de arte genuína que sobressaia pela sua simplicidade complexa e me traga uma certeza que não sei definir, a de estar diante duma revelação de algo muito profundo e que me toca sem explicações. É diferente, autêntica e nunca me cansa apreciá-la revelando sempre algo inesperado a cada visão. Cria um sentimento de plenitude e felicidade.

ACP — O Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais o lugar da arte.

JB - No mundo virtual, a função da arte muda bastante. No meu caso, a matéria, o uso de cores fluorescentes, o brilho dos metalizados, os efeitos da luz, a dimensão, etc, perdem-se na sua representação fotográfica ou digital. Obriga-me a tomar em consideração essas condicionantes e tentar uma representação dum outro tipo que só o tempo poderá ajudar a esclarecer, procurando aumentar talvez o impacto da mensagem, a simplicidade dos meios e o seu lado de contra-poder. Porque do meu ponto de vista a arte só pode ser confronto com as imagens fornecidas pela sociedade e portanto ser genuína e quase incopiável. O virtual vem também de certa forma democratizar os percursos dos artistas e libertá-los de influências extra-artísticas, compadrios e jogos de poder.

instalação



Images for katie lagast

artista visual

conceptual

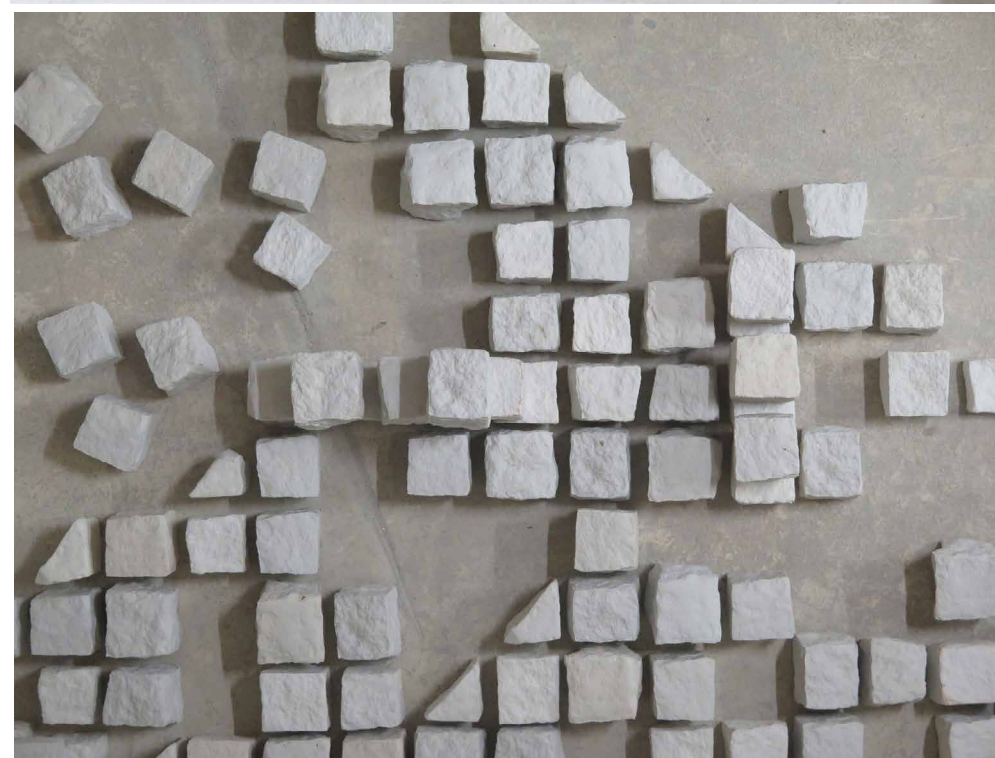
pedras

falsas

porcelana

exposição

intangível



→ More images for katie lagast

<https://katielagast.com>

Katie Lagast Bio

O trabalho de Katie Lagast foi exposto em varias galerias de arte e mostras colectivas na Bélgica, na Holanda, na Alemanha, em França e em Portugal. Ela recebeu bolsas do governo Flamengo e, para o sue 'Projecto Individual' no Ar.co – Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa (2015 – 2017), a 'bolsa: Vitoria, Graça, Luz e Salvador Reis'. Além disso a artista foi convidada para algumas residências artísticas na Bélgica, Holanda e Portugal. Através das suas instalações, esculturas e trabalhos gráficos, Katie criou um mundo só seu que leva o observador a não tomar nada como garantido. Trabalhando com base em pistas visuais de ambientes urbanos decadentes, Katie apanha fatias de espaço e de tempo que outros não se atrevem em reparar. A sua inspiração vem direitinha do chão: uma tampa de esgoto, pedras de pavimento, ervas, paus ou a luz que neles incide ao final da tarde. Tratando temas aparentemente casuais, a análise formal e o olho para o pormenor da Katie transformam-nos em objectos de beleza e contemplação.

Work Description

Esta peça faz parte da instalação 'Road Works': um conjunto de vigas, faixas e ripas de madeira nas quais foram aplicadas cores que se referem a obras de rua e construção, usando tinta acrílica, pastéis a óleo e giz. Às vezes, eles estão bloqueando a passagem do espectador para o espaço de exibição. Este é um trabalho muito relevante nesses tempos estranhos de pandemia, referentes à realidade direta nas cidades onde as entradas para lojas ou restaurantes são limitadas dessa maneira. Streetstones são pedras únicas, que a artista encontrou em suas caminhadas pela cidade, foram levadas ao estúdio para serem transformadas em objetos de porcelana, conferindo à obra um caráter e uma perspectiva tangíveis. Juntos, eles formam uma rua branca pura e bastante abstrata, na qual nenhum tráfego pode dirigir, nenhum transeunte pode andar. Para as obras Fake Stones, a artista usou vários moldes que fez ao longo dos anos com pedras e peças de rua. Ela os encheu de barro reciclado. Após a secagem, ela desenhou linhas e rabiscou nos trabalhos com um lápis de grafite. Isso dá a cada pedra uma pele muito semelhante à de uma pedra real e, às vezes, é impossível dizer à distância se alguém encontra uma amostra falsa ou uma pedra real.

Sem título (parte da instalação 'Road Works')

tinta acrílica sobre madeira - 2018

223x3x5cm

275€

Streetstones

180 elementos em porcelana de redução - 2017

dimensão variavel e adaptável ao espaço, cada pedra aprox: 11x11x11cm

140€ cada pedra / 12500€ instalação

Fake stone

barro branco seco com lapis - 2020

18 cm x 14 cm x 10 cm

325€

António Cerveira Pinto — Enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

Katie Lagast — A palavra arte não é a mesma que artisticamente, o que você esperaria de um cachorro no circo que sempre realiza os mesmos truques. A verdadeira arte não se coloca em caixas e não pode ser capturada por denominadores. Dá a oportunidade de dar saltos laterais e até surpreender seu criador com sua aparência final.

The word art is not the same as arty, which you would expect, for example, from a dog in the circus who always performs the same tricks/ tricks. True art does not put itself inboxes and cannot be captured by denominators. It gives itself the opportunity to dodge and even surprise its creator with its final appearance.

ACP — No rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

KL — Sim com certeza. Porque a obra de arte não é apenas a forma sensual, mas a transcende e envia sinais para o público, que pode sentir todo tipo de sensações e emoções olhando para o trabalho. Uma obra de arte não é apenas sua aparência, mas carrega nela uma mensagem, grande ou pequena, de outra coisa, uma referência a algo que é mais do que apenas mercadoria.

Yes, it is. Because the artwork is not merely the sensual form, but transcends it and sends out signals to its audience, who can feel all kinds of sensations and emotions by looking at the work. A work of art is not just its manifestation but carries within it a message, big or small, of something else, a reference to something more than mere merchandise.

ACP — O Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais o lugar da arte.

KL — O lugar da arte é contar uma história verdadeira da vida sem representar a própria vida. Ele sustenta um espelho para a sociedade enquanto é pensado para ser o próprio espelho que se vê. Eu não acredito que através das redes sociais somos todos artistas de arte verdadeira, talvez todos nós somos artistas da vida que fazem apresentações nas redes sociais. Se todo mundo que mora aqui no planeta usasse criatividade real e genuína, nós, como sociedade, pertenceríamos à um mundo muito mais interessante.

The place of art is to tell a true story of life without representing life itself. It holds up a mirror to society while it is thought that it is the mirror itself that one sees. I do not believe that through social networks we are all artists of true art, perhaps we are all artists of life who give their presentations on social networks. If everyone who lives here on the planet were to use real, genuine creativity, we as a society would belong to a much more interesting world.

instalação

×

🔍

Images for inês teles

- artista visual
- subtil
- leveza
- exposição
- instalação
- pintura
- conceptual
- >



➔ More images for inês teles

www.inesteles.pt
<https://www.instagram.com/inesteles.artist/>

Inês Teles Bio

Inês Teles (Évora, 1986) vive e trabalha em Lisboa. Licenciada em Pintura na FBAUL, em 2010 concluiu pós-graduação na Byam Shaw, CSM. Concluiu o mestrado em Pintura em 2013 na Slade School of Fine Art - UCL, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. Participou em várias exposições nacionais e internacionais. Em 2018 entrou no 11.º Prémio Amadeo de Souza-Cardoso, na 6.ª Biennale JCE 2017-19 e no programa curatorial de arte pública de Gabriela Raposo, “10.10.10. Arte entre cidades”, Alenquer, PT. Em 2019 foi selecionada para o Prémio Internacional Fundación Maria José Jove 2019, Corunha, ES e obteve o Apoio a Projetos - Criação, da Direção-Geral das Artes para a intervenção pública Walk the curve, um projecto em co-autoria com Ayelen Peressini. É representada pela galeria Sala 117 e a sua obra está presente em colecções particulares em Portugal, França, Reino Unido, Espanha, Chile e EUA;

ao vento

instalação, pintura sobre tecido em estrutura em latão - 2018
70x163,5x200cm
9500€

Imagens tácteis

instalação com várias peças de resina, pó de pintura lixada, pigmentos, resina cristal e verniz - 2016
dimensões variáveis
1250€ (preço por peça)

Blinds

pintura sobre estore vertical, óleo sobre poliéster - 2017
150×260x13cm
5000€

António Cerveira Pinto — Enquanto artista que significado tem a palavra arte para ti?

Inês Teles — Arte pode ser aquilo em que o gesto artístico se traduz. Todos os dias o artista trabalha na construção daquilo a que chamamos a obra, que depois de autónoma (introduzida no espaço público), poderá ou não ser denominada de arte.

ACP — No rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

IT — Não sei o que é uma obra de arte genuína.

ACP — O Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais o lugar da arte.

IT — As plataformas virtuais são tão válidas como as outras. Nem todas as plataformas operam como museus virtuais, embora muitas possam proliferar imagens, a arte continua a encontrar-se com o espectador, de uma forma íntima, subjetiva e intransmissível.

Images for mariana dias coutinho

artista visual

corpo

dualidade

exposição

público

privado

pele/casca



➔ More images for mariana dias coutinho

www.marianadiascoutinho.pt

<https://www.instagram.com/marianadiascoutinho/>

Mariana Dias Coutinho Bio

Mariana Dias Coutinho (Lisboa, 1978) é uma artista multidisciplinar, co-fundadora do projecto CLARA - Center for Rural. Future, membro do conselho da Associação Project Earth, e fundadora e gerente do SP121, um espaço para estúdios de artistas em Lisboa. O seu trabalho tem abordado o corpo como um dispositivo para investigar contextos espaciais e suas diversas manifestações fenomenológicas, reflectindo sobre questões de limites ou fronteiras, a sua influência e a nossa afectação. O corpo como manifestação da problemática espaço público e espaço privado, suas diferentes regras e interacções, questionando o reflexo de convenções e como se projecta a individualidade de cada um.

Work Description

Os materiais, como a cerâmica e o vidro, cuja delicadeza serve de metáfora para a fragilidade do corpo vivo, pretendem incluir uma consciência do papel do corpo na discussão de género. A manifestação surge no momento em que a desconstrução acontece, na medida em que é a partir desse acontecimento que (inter)rompe a norma, que se desmontam as lógicas que provocam estranheza, e onde se liberta o latente conflito interior e que dele se faz testemunho. Aqui o corpo é encarnação, é dispositivo para reflexão e análise, é testemunha de alterações de realidades e é mediador para o pensamento sobre a femonologia do espaço e do tempo. Pensamos em “corpo-casca”, e o corpo desnuda-se no interior do espaço. Despimos a pele que nos separa a esfera privada da pública, expondo tudo o que é interior, visceral, íntimo. A forma geométrica cilíndrica é produzida manualmente, é leve, translúcida, maleável, quase efémera. Um cilindro, um contentor. Contentor como algo que contém, que reserva no seu interior. Separa o externo do interno, o que é exterior do interior. Trata-se de um empacotamento. Vazio. A forma é afectável. O vazio é afectável. Reage à interação com outros corpos, sejam seus pares, sejam elementos estrangeiros.

happy balance” - série inner fragilities

escultura (três, esmalte acrílico, berlinde) - 2019

3x15x3,5cm

400€

corpo-casca

escultura, alumínio, esmalte acrílico, esponja - 2019

120x220x20cm

400€

Sem título - série Empty Containers

fotografia, impressão jacto de tinta em papel fine art - 2017

137x92cm

1500€

Images for joão bettencourt bacelar

artista visual

fotógrafo

Covid series

exposição

digital

Lisboa

desenho



Contágio

Desenho digital, papel Fine Art Baryta
325g - 2020
100 x 74 cm
1200€

Lisbon Covid series I

fotografia e colagem digital, impressão
Fine Art Mate D 300g - 2020
6 imagens 20 x 30cm
1600€

Lisbon Covid series II

fotografia e colagem digital, impressão
Fine Art Mate D 300g - 2020
6 imagens 20 x 30cm
1800€

→ More images for joão bettencourt bacelar

<http://joaobacelar26.tumblr.com/>

<https://www.instagram.com/joaobettencourtbacelar/>

João Bettencourt Bacelar Bio

João de Bettencourt Bacelar, nasceu em Lisboa onde estudou Design Gráfico. Ao longo de 25 anos, tem desenvolvido projectos em diferentes áreas da comunicação visual. É Designer, Diretor de Arte, Fotógrafo, Ilustrador e Artista.

Work Description

Vários rostos que se derretem e misturam com outros. Vão se misturando e contagiando, em comum tem todos olhos de Covid. Com Lisboa em quarentena durante o estado de emergência declarado pelo governo de Portugal. Série de imagens representativas dos dias únicos que se viveram na cidade de Lisboa entre Fevereiro e Abril de 2020. Lisboa deserta, ameaçada por um vírus avassalador e opressor. Uma cidade vazia, que fica em casa, e aguarda por dias melhores.

António Cerveira Pinto — enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

João Bettencourt Bacelar — Para mim a palavra arte pode ter muitos significados, mas mais presente-mente arte foi a terapia ocupacional que me salvou de ser mais uma das pessoas que durante o estado de emergência perderam a sanidade mental e viram na compra de grandes quantidades de papel higiénico a sua bóia de salvação. Ou mesmo agora nesta altura de desconfinamento será a vacina cerebral, para não estar nas filas das lojas de roupa a comprar coisas desnecessárias para tentar ter uma sensação de normalidade e equilíbrio.

ACP - no rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

JBB — Sim e não. Na minha opinião já não vivemos na era da informação, mas sim na era da divulgação. Por isso uma obra de arte genuína pode ser destacada, se for devidamente comunicada, deve existir uma promoção associada, caso contrário corre o risco de passar despercebida no meio de tudo o que é publicado a toda a hora.

ACP — o Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais, o lugar da arte?

JBB — Não concordo que o Instagram faça de cada um de nós artistas automáticos. Porque a muitos destes artistas automáticos faltam-lhes muitas vezes referências visuais, podem dominar as ferramentas mas há muita coisa publicada sem uma ideia ou um conceito, no entanto, tecnicamente bem realizadas. O que o Instagram e todas as redes sociais fazem é na sua maioria a publicação de poluição visual. A arte pode ser relevante ou indiferente publicada numa rede social. Por exemplo, uma obra de Arte Digital deve ser pensada tendo em conta o enquadramento medidas, resolução e possibilidades tecnológicas da plataforma em que vai ser exibida. Uma obra tradicional criada e pensada para ser exibida ao vivo, vai online perder a sua força. Por exemplo, uma tela onde existe detalhe, volumetria das pinceladas etc... vai acabar por, ao ser exibida digitalmente, perder força. É como ver um concerto de música ao vivo ou ver o concerto na televisão. No entanto, as plataformas digitais são neste momento o melhor meio para comunicar todo o tipo de arte.

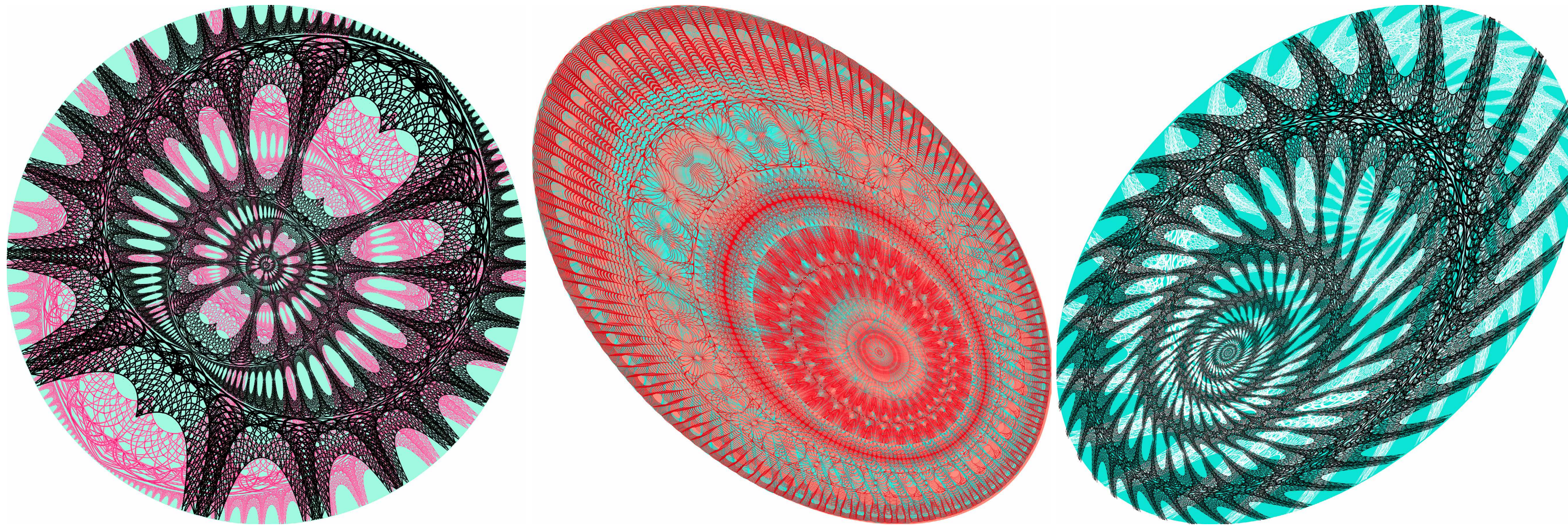
arte digital

×

🔍

Images for margarida sardinha

- artista visual
- arte cinética
- ilusão de óptica
- exposição
- generativa
- digital
- conceptual
- >



→ More images for margarida sardinha

www.margaridasardinha.com
https://www.instagram.com/margarida_sardinha/

Margarida Sardinha Bio

Margarida Sardinha é artista e realizadora de filmes experimentais que nasceu em Lisboa – 1978. Estudou, viveu e trabalhou em Londres durante dez anos, frequentou Fine Art Combined Media em Central Saint Martins e no Chelsea College of Art and Design. A sua prática cross-media compreende instalação site-specific, filme, animação, performance e fotografia digitais que são por definição trabalhos abstractos e geométrico-cinéticos. O seu principal intento é a produção de ilusões de óptica sobre o espiritual na arte, usando assim conceitos paralelos dentro da literatura, filosofia, religião comparativa, ciência, cinema e arte. Ao aplicar essas percepções ela pesquisa estágios espirituais/psicológicos de consciência e relaciona-os com ciclos de crescimento individual ou universal.

Work Description

Composição digital cinética numa obra circular em que as linhas pretas estão justapostas/sobrepostas às de cor que se encontram como fundo da obra transformando-a numa ilusão de óptica generativa.

Pleroma Tesselations - Stella Octangula

projecto de composição cinética generativa - 2020
100x100x5cm
7000€

Pleroma Tesselations - Ascending

projecto de composição cinética generativa - 2020
100x100x5cm
7000€

Pleroma Tesselations - Cross of Octahedra

projecto de composição cinética generativa - 2020
100x100x5cm
7000€

António Cerveira Pinto — enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

Margarida Sardinha — para mim, arte sendo a energia criativa do universo traduzida em comunicação através duma linguagem, esta, pode ter qualquer formato ou suporte – exemplo: pensamento.

ACP — no rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

MS — A obra de arte genuína acompanha e comunica o seu tempo, porém destaca-se dele através dele.

ACP — o Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais, o lugar da arte?

MS — O lugar da arte é o mesmo que sempre foi – uma realidade alternativa – e neste caso, as redes sociais oferecem-nos um museu mutante alternativo. Apresentam-nos a realidade como abstração que pode ser um significado de arte.

arte conceptual



Images for daniel moreira e rita castro neves

artistas visuais

colectivo

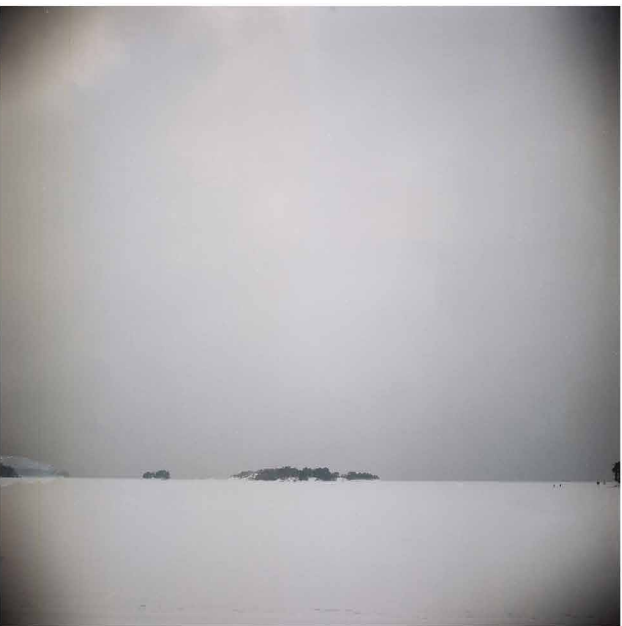
som

exposição

instalação

imagem

conceptual



More images for daniel moreira e rita castro neves

www.danielmoreira.net | www.ritacastroneves.com

Daniel Moreira e Rita Castro Neves Bio

Artistas portuguesas que vivem e trabalham no Porto, com percursos expositivos separados, trabalham desde 2015 em colaboração. Daniel Moreira é licenciado em Arquitectura, iniciando em 2000 um percurso multidisciplinar entre a arquitectura e as artes plásticas. Rita Castro Neves, após terminar o Curso Avançado de Fotografia do Ar.Co em Lisboa e o Master in Fine Art da Slade School of Fine Art de Londres, inicia uma atividade artística regular, de docência (atualmente na Faculdade de Belas Arte do Porto) e de curadoria (sobretudo na área da performance). Enquanto dupla têm-se concentrado na representação da paisagem, em que refletem com o desenho, a fotografia e o vídeo, de forma instalada, sobre colaboração artística, diferentes técnicas e culturas artísticas, território, escala e percurso. Parte do seu trabalho assenta em percursos na natureza, residências artísticas, e na ideia de experiência do lugar como ponto de partida para uma postura crítica sobre o contemporâneo.

Work Description

Bahia - aqui, o nosso encontro com a cidade de São Paulo, desdobrou-se por uma trama de relações afetivas e percursos pedestres, atentos à paisagem urbana, humana e natural. Série Sobre uma pedra - dois desenhos a grafite desvendam um pouco mais da paisagem do Feital, incluindo um tradicional abrigo, dos que ainda povoam o território português da beira interior. Frozen - o convite do espaço artístico finlandês Oksasenkatu 11 para trabalharmos em conjunto, fez iniciar um processo de colaboração artística entre fotografia e desenho, e passando pelo vídeo e o som.

Bahia

da série vidro paisagem, impressão fotográfica - 2017

70 x 46 cm

600€ (edição de 5 + 2 PA)

da série Sobre uma pedra

díptico, grafite sobre papel - 2019

31 x 21 cm cada

750€

Frozen

Série de 4 fotografias, impressão jato tinta contracoladas em pvc - 2017

70 x 70cm cada

2400€

António Cerveira Pinto — enquanto artista, que significado tem a palavra arte para vós?

Daniel Moreira e Rita Astro Neves — Ser e vida.

ACP — no rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

DM e RCN — Surge-nos, por vezes, como um momento de surpresa, de suspensão.

ACP — o Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais, o lugar da arte?

DM e RCN — Será, acima de tudo, um lugar crítico.

Images for inês r. amado

artista visual

quarentena

imaginário

exposição

performance

escultura

conceptual



Work Description

Performative quarentena

Imaginary walk

fotografia - 2020
variável
100€

→ [More images for inês r. amado](#)

www.ines-amado.com

Inês R. Amado Bio

Cultural Exchanges The New Gallery DMU, Leicester. Cephalopedia for The Art of the Mimeograph performative collaboration Ambika – Westminster University London. Deep Listening® Workshop with research group Serpentine Gallery, London. Cephalopedia meets Siphonophore Guest Projects Yinka Shonibare Studio London. Cauldron of Sound a collaborative performance UH University, Hertfordshire, UK. Research work toward large exhibition in Lisbon, Portugal. Deep Listening® workshop in Hola Folkhögskola Prästmon, Sweden. D L® Workshop with Serpentine Gallery's Research Group, London

Hanging up / Pendurada - here and now

fotografia - 2020
variável
100€

Coluna - palavras apreendidas

Copos de vidro com palavras/pensamentos relativos à quarentena
escultura - 2020
100cm
150€

António Cerveira Pinto — enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

Inês Amado — Arte é um todo onde a criatividade e a imaginação se fundem, expressam e operam.

ACP — no rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

IA — Sim absolutamente, a inteligência, o conhecimento, os sentidos são cruciais, mas a sabedoria, aquela que vai aquém e para lá da imediação leva-nos a descarnar, a revelar significado no que é signifi-
icante.

ACP — o Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais, o lugar da arte?

IA — Aqui neste momento e neste lugar, (museu virtual), Arte valida; - deve, pode e faz validar o que é autêntico.

Images for jorge castanho

artista visual

confinamento

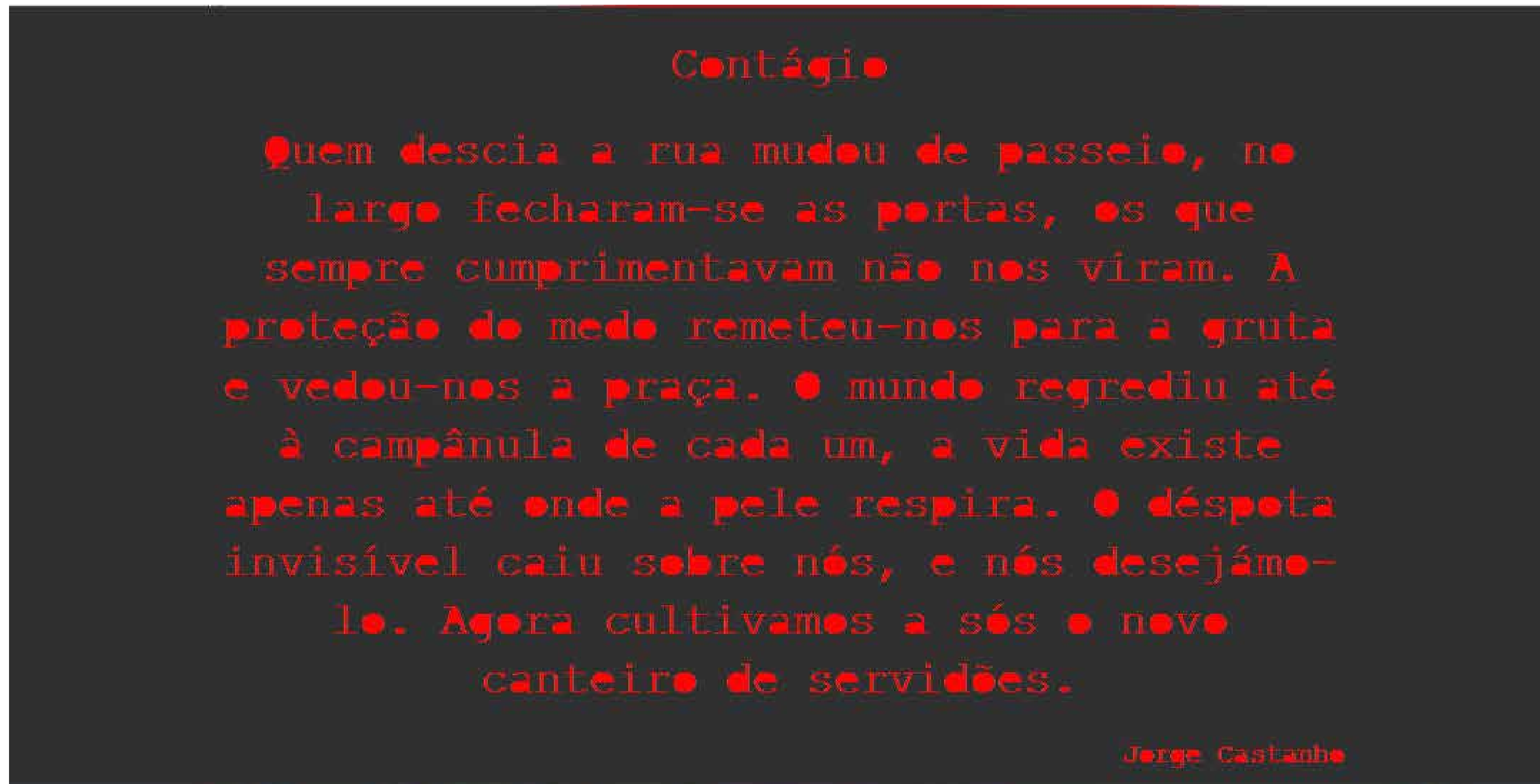
texto

exposição

isolamento

portas

servidão



→ [More images for jorge castanho](#)

<https://www.facebook.com/EsferaBrilhante/>

Jorge Castanho Bio

Doutorado em desenho pela universidade de Sevilha, 2006. Pós doutorado na universidade de Lisboa, 2007/2013. Interesses por desenho, escultura digital e literatura.

Work Description

Escrita em suportes e tamanhos diversos. Na actual apresentação será feita em página A4

Contágio

Texto impresso e decalcado - 2020
A4
1000€

António Cerveira Pinto — Enquanto artista, que significado tem a palavra arte para ti?

Jorge Castanho — A palavra Arte é o perfume que regula a aurora dentro das indecifráveis bibliotecas.

ACP — No rio de sensações onde toda a mercadoria, incluindo a mercadoria-informação, é embrulhada com formas que apelam aos sentidos — formas sedutoras, sensuais e inteligentes —, ainda é possível destacar uma obra de arte genuína?

JC — Nem todas as mercadorias apontadas ao infinito coabitam com as rosas. O engenho é contra o deserto e as obras de Arte são pássaros livres.

ACP — O Instagram e as redes sociais em geral colocaram a imagem, a representação e o espelho no top do imaginário global. Forneceram a todos uma espécie de formação rápida de criatividade e arte, fazendo de cada um de nós artistas automáticos. Neste museu virtual vivo qual é, uma vez mais, o lugar da arte?

JC - A terra é a substância infinita de resistência, onde transitam os murmúrios escritos em silêncio, essa força é o lugar da Arte.



SOS.
ARTE.PT

Links & Contactos

<https://sosarteptsem limites.blogspot.com>

<https://www.facebook.com/sosartept>

sos.arte.pt.sem.limites@gmail.com

sos.arte.pt@gmail.com